

À MARGEM DOS FATOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Até parece que os acontecimentos apostaram contra os que escrevem crônicas e, mal ou bem, têm a obrigação profissional de mencioná-los e valorizá-los. Ontem foi a renúncia de Janio. Depois foi a volta de Janio. E de permeio a revoadas de militares para uma localidade que de repente passa da completa obscuridade, maior ainda que a do rio da aldeia de Fernando Pessoa, para um destaque maior ainda que o do Tejo. E ainda para maior confusão nossa são amigos alguns dos rebeldes, ex-alunos e ótimas praças. Tive vontade de começar estas notas com uma frase imitada do Quincas Borba: todos os aviadores tem quinze anos! Sim, o que Machado dizia das noivas creio que posso estender a uma das armas da República. É verdade que não é fácil imaginar o brigadeiro Epaminondas com quinze anos, mas como não há regra sem exceção — ao menos entre as empíricas — mantenho o que disse e creio que com isto explico em parte o feito e já se aproxima de um melancólico desfêcho.

Conversando com um amigo a respeito do incidente, e lembrando então o dito de Machado sobre as noivas, estendi a adolescência a todos os dirigentes desta infortunada República. Todos tem quinze anos, e todos gostam de voar, revoar, sobrevoar, etc. coisa que, como todos sabemos, é própria dos verdes anos. Eu nunca quis ser aviador, mas quis ser maquinista de trem. Antes dessa desmedida ambição, quis aos quatro anos ser vendedor de perus; aos cinco, vassoureiro, aos seis creio que desejei ser oficial de marinha; aos sete, astrônomo; aos quinze andei sendo poeta como todo o mundo, e não me recordo de ter desejado algum dia ser aviador. Tenho até hoje certa ponta com a aviação e não disfarço a irritação que me causam os convites para ir a tal ou qual lugar do Brasil para onde só há esse tipo de transporte que reputo atrasado e ruim. Voltando ao ponto em que dizia a um amigo que todos tinham quinze anos, respondeu-me êle com vivacidade que não, que o presidente tinha menos, e que quinze anos, a crer no bom senso de Julio Verne, já é idade madura para o heroísmo.

O leitor habitual já teria percebido, apesar de minhas vacilações, que estou contra o movimento de Aragarças. Sim, contra. Acho-o reprovável pela falta de significação, ou pela significação desligada demais dos quadros políticos; acho-o também reprovável por um lado que mereceu elogios de outro cronista: pela improbabilidade de sucesso; e acho-o reprovável também pelo que poderia desencadear contra este quase desenganado regime democrático. Em outra crônica, já apontei um curioso defeito filosófico dessa rebelião de Aragarças: É uma rebelião "interiorizada" como Brasília. Por que? Por que não de voar sempre para o oeste, quando estão aqui os dirigentes que merecem vaia e castigo? Terá se apoderado dos revoltosos a mesma ideologia de marcha para o oeste?

No momento estou contra qualquer movimento subversivo que tente abalar o governo. Quero assistir ao desmoronamento dele por força de seus próprios erros, e desejo que esse magno espetáculo grave alguma coisa na mente dos

brasileiros. Mas não sou contrário a manifestações de surriada. Acho que o momento é extremamente propício a esse tipo popular de oposição, podendo em alguns casos a manifestação ser acompanhada de alguns atos mais agressivos do que a simples vaia. Acho, por exemplo, que seria muito bom bloquear a rua por onde devesse passar o séquito presidencial com suas sirenes, de modo a obrigar os batedores a atos de agressão ou então a silenciarem suas sirenes. Acho também que os chapa-brancas deviam ser bombardeados com qualquer substância que cheire mal sem danificar o carro, mesmo porque somos nós que pagamos o conserto. E assim por diante. Mas isto seria tarefa para jovens estudantes e não para coronéis da aviação militar. A nossa infelicidade maior consiste na subversão dos valores que entre outras coisas nos dá coronéis agindo com impulsos de quinze anos, e estudantes secundários com uma gravidade precoce, querendo intervir na política econômica do país.

Em resumo, sou contra a rebelião, sem ser contra movimentos de manifestação de desagrado. Mas devo acrescentar que sou contra muitos dos que tem sido contra o movimento de Aragarças. Não acompanho em tudo o que disse o deputado Raimundo Padilha em defesa dos moços, mas acompanho-o no que disse em defesa da generosidade e da bravura que coloca os moços de Aragarças inteiramente fora do alcance daqueles jornalistas que

nunca puderam entender e que fosse a generosidade, o despreendimento, o ato rasgadamente audacioso, etc., etc., e tudo o mais que se prende à grandeza desse misero ser que é o homem.

É principalmente, para completar esta declaração, sou contra o mau governo, o governo de homens maus, que levou ao desespero os homens bons. A responsabilidade completa desse movimento cabe ao governo, e especialmente ao chefe deste governo de imaturos e espertos, que vem reduzindo o Brasil a modelo de subdesenvolvimento.

Vejo daqui, no jornal caído no chão, que hoje registram-se duas greves, a dos marítimos e a dos aeroviários. A dos aeroviários, pelo que li, está colocada pelos que reivindicam aumento de 40 por cento, em termos de hostilidade entre empregados e empregadores, mas todos nós sabemos que são as obras cretinas e a emissão descontrolada — e não os empregadores — que tornaram difícil a vida dos aeroviários. Se derem o aumento de 40 por cento, amanhã ou depois recomençará a luta, porque em um ano o dinheiro se desvaloriza mais do que pedem os pobres aeroviários. Por aí se vê, sem sombra de dúvida, que é o Governo o principal fator, fator de inquietação e de discordância entre as classes. É pena que os aeroviários não vejam que o parceiro principal de quem lhes rouba os aumentos é o próprio sr. João Goulart, aplaudidor profissional, claque de todas as greves.